

## **O DISCURSO REGIONALISTA NORDESTINO NOS CORDÉIS DE MANOEL CAMILO DOS SANTOS.**

**GOMES, Germana Guimarães.  
(PPGECON-UFCG)**

**BEZERRA, Aluska Karla Alves.  
(Graduando em História-UEPB)**

Analisando a Literatura de Cordel do autor Manoel Camilo dos Santos, essa pesquisa tem como objetivo fazer uma discussão sobre o discurso regionalista nordestino na produção literária desse poeta. Destacado como autor de cordéis no Nordeste, este autor legitimou-se nessa região narrando diferentes temáticas em sua literatura. Temas como a mulher macho, a esperteza do nordestino, a seca, a religiosidade, entre outros, marcaram a obra desse autor que foi caracterizada pela discussão regionalista, refletida pelo o Centro Regionalista do Nordeste (1924). Diante dessa conjuntura proponho refletir também nessa pesquisa sobre a literatura de cordel nordestina que exerce um forte domínio na construção dessa região e de seu povo. Possuindo função informativa, o cordel exerce um papel bastante importante, na medida em que consegue refletir os discursos instaurados nessa região formando nesse sentido outros discursos.

Palavras-Chaves: Literatura de cordel- Regionalismo- Discurso.

Natural de Guarabira, mas precisamente do distrito de Alagoinha, o autor pesquisado Manoel Camilo dos Santos se destaca no cenário nordestino como também no nacional pela sua produção de cordéis. Analisando a produção literária deste autor, percebemos a forte ligação deste com os discursos que foram refletidos pelo Centro Regionalista do Nordeste no início do século XX. Instituído como autor de cordéis, Manoel Camilo dos Santos conseguiu refletir os discursos instaurados nessa região a partir das leituras, e dos contatos que teve no decorrer de sua vida. Diante disso, fica clara a necessidade em relatar nessa pesquisa a trajetória de vida desse autor, para que possamos entender a sua obra e a relação desta com o movimento regionalista do início do século XX.

Discutir a trajetória de vida Manoel Camilo dos Santos é discutir sua maneira de fazer cordéis, entendendo este como um lugar de produção de subjetividades, daí a necessidade de narrar sua vida e obra para entendermos de que forma as relações que manteve influenciaram na constituição de suas obras. Quando enfoco nesse trabalho a necessidade de narrar à vida e obra deste autor, não implico dizer

que a volta ao passado deste, remeterá à verdade dos fatos, porém mostrará os meios de entendermos as relações de poder que atravessaram sua maneira de ver e dizer nos cordéis, ou seja, as relações de amizades, as suas leituras, como escreveu e o que escreveu, serão fundamentais para entendermos as condições históricas que deu visibilidade à sua autoria.

Tomando como aporte teórico Foucault, esse trabalho se constitui como um lugar de problematização da autoria e obra de Manoel Camilo. É desmistificando o lugar naturalizado pelo autor pesquisado que podemos entender a construção de sua literatura criando um outro olhar sobre sua obra. Para tanto, faz-se necessário também nessa pesquisa abordamos a cerca da importância da literatura de cordel nordestina na construção e instituição dos discursos nessa região. Pois esta literatura foi fortemente marcada pela continuidade da discussão regional vista no início do século XX.

Discutindo a autoria de Manoel Camilo percebemos o quanto este através de seus cordéis produziu discursos e deparou-se com discursos que o formaram. Este autor através de suas leituras, profissões (vendedor em padarias, em lojas, vendedor ambulante, etc.), de seus contatos (Rodolfo Coelho Cavalcanti, Sebastião Nunes Batista, Francisca Borges, etc.), ou seja, através das relações com outros discursos, acabou por conseguir tornasse visível como autor de cordéis no Nordeste e fora dessa região.

Em sua obra a Ordem do Discurso Michel Foucault reflete a cerca das práticas discursivas, colocando estas como práticas atreladas a sistemas de controles, de seleção, intrínsecas de procedimentos de exclusão e de inclusão.

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2000, p. 8-9)

Enfocando a cerca dos procedimentos internos e externos de controle e delimitação do discurso, Foucault (2000) nos mostra o procedimento da interdição, da separação e vontade da verdade como procedimentos exteriores ao discurso. Nesses procedimentos percebemos que o discurso está ligado ao desejo e ao poder, não podendo nesse sentido, o autor dizer tudo ou falar de tudo em qualquer circunstância. No que concerne aos procedimentos internos, esse autor cita os comentários, o princípio da autoria e a disciplina. Focarei aqui o princípio da autoria, que também tem a função de controlar, organizar, selecionar e redistribuir o

discurso. Fixando na relação texto/autor para observar como o texto aponta para “*essa figura que lhe é exterior e anterior*”, Foucault nos mostra que o autor não pode impor as intenções que desejaria imprimir no texto, pois ele se submete às determinações que organizam o espaço social da produção literária. As relações de amizade, os diálogos, as leituras, os silenciamentos fazem parte da construção da autoria, pois esta se encontra em um lugar social, lugar esse de vários discursos:

O autor não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como a unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (FOUCAULT, 2000 p. 26).

Manoel Camilo dialogou com intelectuais da literatura cordelista, dialogou com cantadores como Manoel Caetano, Zé Nogueira, entre outros, teve diversas leituras que formaram sua fala e sua forma de escrever cordéis como a bíblia, mitos antigos, geografia brasileira, etc. Essas e outras leituras de vida possibilitaram a organização do espaço literário desse autor, ou seja, contribuíram para tornar perceptíveis as temáticas de seus cordéis.

Mas nem todos ocupam o lugar de autor instituído e reconhecido “*a função do autor é, portanto características do modo de existência de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade.*” (FOUCAULT, 1969, p.274). Manoel Camilo para se instituir como autor nordestino, precisou discutir determinados temas criados nessa região, temas que foram instituídos e tornaram-se naturalizados, como a seca, o cangaço, o matuto, a fome, o abandono, etc. Certos temas, certas práticas contribuem para instituição da autoria e foi assim que ocorreu com o autor pesquisado. Não sendo proprietário de seus textos, nem produtor e nem inventor deles, necessitamos ao trabalhar com a autoria de um dado sujeito, não se preocupar somente com o autor do discurso, mas com os discursos por este proferido, quais as condições de funcionamentos de suas práticas.

Mas, na verdade o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção em termos sempre mais ou menos psicologizantes do tratamento que se dá aos textos das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam. (FOUCAULT, 1969, p.277).

Em Nordeste: uma invenção do falo, Albuquerque Júnior nos coloca que essa região vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção desde

o início do século XX. O Nordeste vem sendo produzido na historiografia e na sociologia regional, vem também sendo reproduzido pela literatura popular e erudita, pela música, pelo teatro entre outros meios discursivos. A criação em 1924 do Centro Regionalista do Nordeste exerceu um forte domínio nessa produção, pois este tinha como principal objetivo saudar o tradicional, o regional criticando assim as formas modernizadoras surgidas com a Abolição da Escravatura e a instauração da República. Como afirma Albuquerque Júnior nessa citação:

Discurso explícito de conteúdo autoritário e conservador, vão considerar as tendências da democratização brasileira como exóticas, não fazendo parte das tradições nacionais, que precisavam ser defendidas para não perder sua originalidade, identidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.32)

Segundo este autor, o tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX, este surgiu quase ao mesmo tempo com o recorte regional do Nordeste em torno da primeira metade do século XX. *“Podemos constatar que esta identidade regional vai ser firmada de forma lenta, convivendo até os anos 30 com outras designações: nortistas, cearense, sertanejo, brejeiro...”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.149). Inventado como espaço regional, o Nordeste vai aparecer principalmente vinculado a dois temas que mobilizam as elites dessa área do país fazendo emergi-los, eles são: a seca e a crise da lavoura. Esses temas vão ser também elaborados por outras formas discursivas como, por exemplo, a literatura de cordel, que é também um dos estudos nessa pesquisa.

Lugar de construção da identidade nordestina, a literatura de cordel configura-se como uma das mais importantes marcas da cultura brasileira. Vinda da Europa, essa modalidade cultural surgiu no contexto feudal a partir dos registros de poetas andarilhos, trovadores, menestréis que vagando de um lugar para o outro, cantavam e divulgavam fatos históricos, poesias eruditas, cenas de teatro, novelas tradicionais entre outros acontecimentos. Denominada Literatura de cordel devido estes folhetos estarem presos em barbantes ou cordão, esse nome instituído entre nós já era usual no mundo ibérico no século XVII, período este onde essa literatura já estava popularizada. Caracterizada por sua impressão rudimentar era comum a venda do cordel em feiras, romarias e praças. Alguns autores como Abreu e Luyten, apontam a presença de cegos na venda dessa literatura *“Os folhetos são conhecidos como “literatura de cego” devido ao fato de estes terem tido, por muitos séculos, a exclusividade de sua venda, juntamente com breviários, livros de orações, jornais ou caixas de fósforos, dependendo da época que se queira*

abordar. "(ABREU, 199, p.20). A literatura de Cordel vai se desenvolvendo e ampliando grandemente a partir do século XVII no mundo ibérico. Cresce o número de títulos e de temas apesar da censura da igreja, que vai exercer um forte papel no combate tanto à literatura como também ao teatro, uma vez que os textos das peças de teatro eram impressas em forma de folhetos. Um exemplo disso se pode ver nas peças de Gil Vicente, que publicou sob forma de cordel algumas de seus autos. Muitas das traduções se tratavam de uma simples adaptação da obra estrangeira ao gosto ibérico como se vê nessa citação: "*Composta na língua italiana pelo abade Pedro Metastasio: Agora novamente traduzida, acrescentada, e disposta segundo o gosto do Theatro Portuguez...*" (ABREU, 1999, p.41).

Dentro de um contexto oral essa manifestação cultural do cordel se deu pela troca de informações, de experiência e fantasias de determinados grupos para seus semelhantes. As idéias contidas nesses poemas eram fixadas publicamente através da exposição cantada. O poeta ordenando em forma poética aquilo que ele queria transmitir possibilitava nesse sentido, uma maior memorização de sua poesia para o público ouvinte. Os folhetos sem crítica literária, sem bibliotecas, sem acervos, dependiam da aceitação do público, por isso percebemos nos cordéis uma tendência em ordená-los através da semelhança entre o ritmo das frases iniciais e finais. Não pretendemos discutir nessa pesquisa a cerca do que é ou não é cordel, mas sim apontar algumas características dessa modalidade cultural que constrói o nordestino e o Nordeste.

Não existem nessa modalidade restrições a cerca das temáticas, pois praticamente qualquer assunto pode ser tratado no folheto desde que se obedeça a certo padrão formal, este aqui pautado na versificação e na rima que devem ser bem elaboradas para o bom entendimento do leitor. Mas, é necessário que se enfoque que a questão formal não se restringe ao padrão estrófico, mas também aos recursos lingüísticos empregados no poema, pois, a seleção vocabular está intimamente ligada à fácil compreensão. Nesse sentido, existe na literatura de cordel certa técnica, pautada na métrica e numa boa oração para a compreensão do leitor, pois não basta construir versos e estrofes de uma maneira adequada, é preciso, pois, que o texto seja acima de tudo coerente e possua unidade narrativa. "*Mas na literatura de folhetos, assim como nas narrativas orais, tão importante quanto descobrir quem se casa com quem, quem morre, quem enriquece, é acompanhar a maneira como esses fatos são apresentados.*" (ABREU, 1999, p.117).

O cordel apresenta-se uma estrutura formal simples, geralmente impressa em papel jornal e apenas uma capa de pergaminho impressa muitas vezes pelo método da xilogravura (técnica de gravação em madeira que depois é estampada a tinta no papel). Essa gravura veio unir-se ao cordel de forma lenta, gradual e irregular. “*Essa gravura, apresenta-se quase sempre de um tema condizente com o conteúdo do livreto*” (LUYTEN, 1984, p.30). Dada a sua simplicidade de confecção esse tipo de literatura é de menor custo, tornando uma excelente alternativa para o acesso à leitura. Construindo um espaço de discussão devido às temáticas abordadas o cordel no Nordeste, torna-se um instrumento discursivo que esboça o desejo do autor em expor determinadas temáticas que foram e ainda é naturalizada nessa região.

A habilidade que o poeta de cordel tem em transformar notícia em história, mostrando assim determinados discursos e práticas instituídos no povo e pelo povo nordestino a partir daquilo que ele vê, ouvir ou vive, torna-se um fator de grande importância nesse estudo. Podemos ver isso na obra de Renato Carneiro Campos “*Ideologia dos poetas populares*” onde este nos mostra que a sabedoria do poeta está atrelada à sua esperteza, inteligência e criatividade, o que o faz tornar-se destacado no meio em que vive. Muitos dos poetas de cordel do início do século XX viam da zona rural, eram filhos de pequenos proprietários de terras ou trabalhadores assalariados que tiveram pouca ou nenhuma instrução.

“Francisco das Chagas Batista, que cursou uma escola noturna, não chega a ser uma exceção, pois, ao tomar assento em bancos escolares, já havia publicado vários folhetos. João Martins de Athayde, que aprendeu a ler sozinho, resume bem à situação dos poetas populares ao dizer: “Sou um analfabeto que sempre viveu de letras... Cheguei a ter algum recurso, mas tudo saído das letras.”” (ABREU, 1999, p.93)

A Literatura de Cordel vem, pois, corroborar e exercer um forte domínio na construção dessa região e do próprio nordestino. O cordel assim como outras literaturas, vai exercer um forte domínio na exposição do ser nordestino a partir de temáticas como da imigração, da seca, da fome, do abandono político entre outros.

Foi, portanto, a partir desses discursos naturalizados que Manoel Camilo dos Santos compôs sua vasta obra de cordel e se instituiu como autor nordestino. Este autor conferiu a seus cordéis temáticas “próprias” dessa região, isso se percebe nas centenas de cordéis dos mais variados temas produzidos por ele. Manoel Camilo recriou em seus cordéis romances, como “*A Bela Sertaneja*” e “*Amantes Encarcerados*”; histórias do cangaço, como o “*Terror do Banditismo*” e “*Monstros da*

*Paraíba*”; aventuras, como “*As aventuras de Pedro Quengo*”; pelejas, como “*A primeira peleja de Manoel Camilo dos Santos como Romano Elias*”; religiosidade, como “*Nascimento vida e morte de Jesus*”; entre outros cordéis. Santos, assim como outros cordelistas naturalizou em seus cordéis temas que foram associados à região Nordeste. Podemos perceber isso em algumas temáticas encontradas nos cordéis de João Martins de Athayde, Severino Milanês e Leandro Gomes de Barros. Na obra de Severino Milanês “*Peleja de Zé Quixabeira com Manoel Monteiro*”, podemos ver o contexto das pelejas, essas na verdade, foram e ainda é bastante vistas nos cordéis. Nas obras de Athayde, podemos ver um vasto número de cordéis que se associaram as temáticas instituídas no Nordeste como: “*O prisioneiro do castelo da Rocha Negra*”, “*Um amor impossível*” (Vol.2), “*Uma viagem ao céu*”, “*A vida de Pedro Cem*”, entre outros. Leandro Gomes de Barros também não foge a regra, este também instituiu temáticas que foram naturalizadas nessa região como o romance; “*História da donzela Teodora*” e a “*Seca no Ceará*”. Nesses dois cordéis Barros reflete acerca da esperteza do nordestino que consegue livrar-se de determinados acontecimentos ruins como um impossível amor e a seca que atinge a região Nordeste trazendo a fome, os males.

Manoel Camilo dos Santos através de suas obras de cordel conseguiu saudar o regional, o tradicional, expondo assim através de sua literatura os discursos proferidos e instituídos pelo Centro Regionalista do Nordeste. Não estando o poder exterior a este autor, este contribuiu com sua literatura para a construção dessa região, “*Pois é na sua própria locução que essa região é encenada produzida e designada*” (FOUCAUL, p16, 2000).

Ao focar a cerca da literatura e de seu poder de construção, ANTUNES nos mostra como os fenômenos da seca, da migração e do misticismo foram sendo associados a essa região. Para esta autora a literatura desempenha um papel importantíssimo na construção da identidade nordestina, construindo e reforçando discursos através de sua função seletiva. Para ela, a linguagem literária tanto pode mascarar, como incluir ou excluir determinados temas.

Discutir, portanto, vida e obra de um dado sujeito é ir contra o essencialismo que se constrói o autor, é entender sua obra, ou seja, os cordéis, como um discurso histórico atravessado por outros discursos, que se naturalizam e se tornam históricos. As relações que este autor teve suas leituras e não leituras se tornam indispensáveis para a discussão do sujeito Manoel Camilo dos Santos e da relação desse autor com o discurso regionalista. Focando a cerca do discurso proferido

pela literatura de cordel no Nordeste, busquei nessa pesquisa entender esta fonte, como uma arte que construiu e constrói a identidade dessa região, mantendo as formas culturais dessa região naturalizadas. A literatura de cordel nordestina se encontra dentro de um âmbito discursivo que selecionam determinados temas, que exclui e incluem determinados temas, construindo a história do povo nordestino. Essa arte revela o mundo fascinante, um mundo muitas vezes injustiçado, mas que se sobressai pelos sonhos do nordestino por uma vida melhor contadas nas aventuras, nas histórias utópicas, e engraçadas do cordel.